

## Culturas locais

*Geni Nader Vasconcelos  
Maria Ana Quaglino*

*Eu estou contando assim,  
porque é o meu jeito de contar.  
Guimarães Rosa*

### **NA MESMA PRAÇA: A INVENTIVIDADE DOS PRATICANTES**

**P**rimavera de 2019. Parecia uma manhã como outras, mas carregávamos uma grande expectativa, a abertura da mostra de trabalhos do Projeto Patrimônio e Investigação: uma viagem pela História de Nova Friburgo.

Aproximamo-nos do Casarão, local do evento, sede da Fundação D. João VI (FDJVI), responsável pelo projeto, desenvolvido em parceria com escolas do município.

Na entrada da exposição, um banco antigo, como ainda temos na Praça Getúlio Vargas. Local de encontro e de referência para gerações de friburguenses, foi a partir dessa praça, tema de nosso projeto, que o centro da cidade tomou forma e se expandiu. Sobre o banco, um portfólio aberto e sobre o encosto, o fragmento da canção de Chico Buarque: “a mesma praça, o mesmo banco...”

Foi irresistível não sentar no banco e folhear as páginas daquela “publicação.” Folhas manuscritas, acondicionadas nas “páginas” de plástico do portfólio, narravam vivências dos autores ou de familiares naquele espaço. Num destes “capítulos,” que era uma história de amor,

uma pulseirinha artesanal. Patrimônio material e imaterial ali presentes!



### **Acervo FDJVI.**

Tempos antes, alunos do curso de formação de professores atentos à roda de conversa que organizamos com idosos sobre a praça, aproximaram-se, ao final, dos depoentes para uma conversa que gerou risos, expressões de surpresa e trocas. Será que a narrativa dos mais velhos inspirou a escrita dos mais jovens? Memória e ficção se entrelaçam.... Gerações distintas se conectavam.

Ainda sentadas no banco, voltamo-nos para maquetes de outros espaços, dispostas sobre antigas carteiras escolares. Algumas dessas construções nos pareciam familiares. Aproximamo-nos. Reconhecemos de pronto a Catedral de São João Batista que visitamos com eles.



### **Acervo FDJVI.**

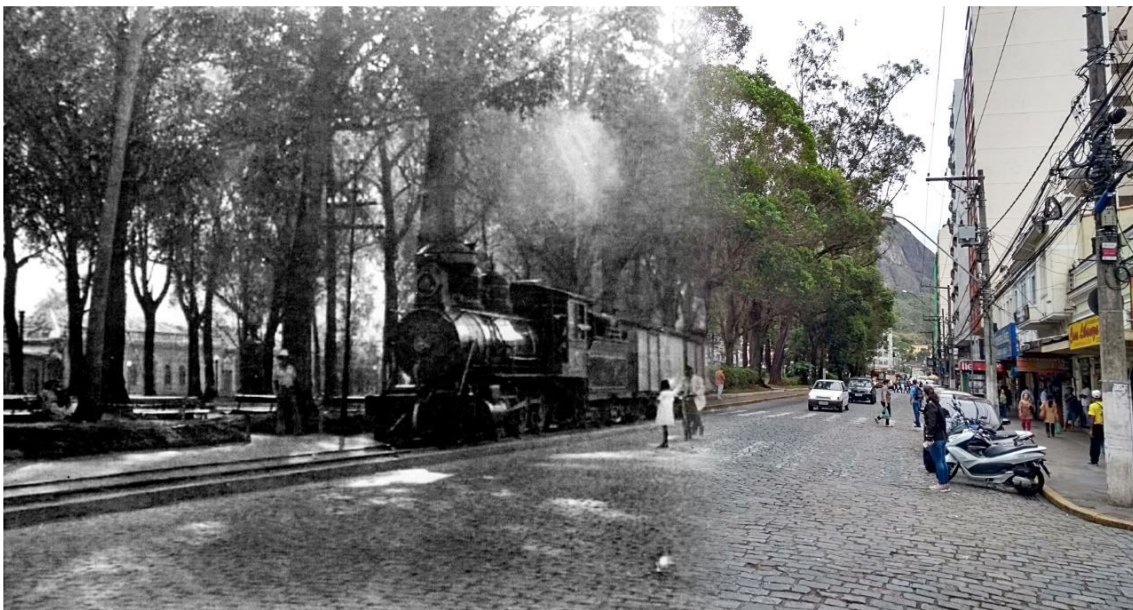
Os alunos do 3º ano do fundamental, autores desses trabalhos, retrataram outros espaços não reconhecidos oficialmente pelos órgãos de patrimônio, mas com sentido para eles. Espaços de memória, lugares de suas infâncias, impregnados de lembranças: o balanço, a caixa de areia, os brinquedos do seu prédio, da praça vizinha... Essa memória do cotidiano, pouco provável de aparecer nos livros históricos, é um disparador de sentimentos, capaz de criar e reforçar laços de pertença e redes de sociabilidade.

Alunos do 2º ano, ainda não apresentados ao conceito de patrimônio, motivados por um desenho animado exibido pela equipe da Fundação e trabalhado pela professora, criaram desenhos autorais, expostos na mostra. Entusiasmados, a maioria esteve presente no evento.

Um novo desdobramento da proposta pode ser observado a partir dessa professora. Como ela trabalhava também em outra escola

na qual o projeto fora implementado em segmentos distintos do seu, sugeriu à coordenação ampliar o projeto para outras turmas entre as quais, a sua. Movimentos inesperados. Redes tecidas no cotidiano, criando e recriando currículos.

Em uma outra sala, trabalhos de uma escola centenária capturaram nossa atenção. Imagens sobrepostas da praça, a partir da mesma perspectiva, traziam-nos o ontem e o hoje, acionavam lembranças que rompendo com a hegemonia do olhar, traziam o apito do trem, os sons dos concertos, o cheiro da pipoca... Múltiplas sensibilidades e memórias nas transformações e permanências observadas! Nas tantas maneiras dos sujeitos experimentarem e se apropriarem do espaço urbano (Certeau, 1998), percebemos a falácia da história única que ignora a diversidade da experiência humana...



**Acervos FDVI e Mário Moreira com seus alunos**

Um documentário, produzido por alunos dessa escola abordou vínculos de diferentes pessoas com a praça. Como texto social, a praça

se desdobra em muitas outras. Qual o seu significado para os nostálgicos do trem? E para aqueles que a percorrem diariamente? Tantas perguntas fazendo-nos perceber que cada caminhante transforma, por meio de suas vivências e práticas, as possibilidades trazidas pelo espaço.

Crônicas elaboradas pelos alunos, a partir de visitas à praça, pesquisas no acervo da Fundação e entrevistas foram apresentadas em álbuns e lidas para o público presente à mostra. Mesclando fabulação e história no cotidiano escolar, motivaram a imaginação dos presentes, fazendo-os mergulhar em outros espaçostempos.

Saímos do Casarão. Percorrer aquele espaço, observando diferentes modos de os praticantespensantes do currículo se relacionarem com a cultura (Alves, 2019) reforçou nossa crença na criatividade no/do cotidiano, alimentando o desejo de narrarmos novas histórias.

### **Referências:**

ALVES Nilda Práticas pedagógicas em Imagens e Narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar a escola hoje. São Paulo. Cortez editora. 2019

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

### **Sobre as autoras:**

**Geni Nader Vasconcelos** – Mestre em Educação pela UERJ. Coordenadora do Grupo de Estudos Memória Identidade e Espaço. Coordenadora Pedagógica do Colégio Nossa Senhora das Dores (Nova Friburgo-RJ). Fundação D. João VI.

**Maria Ana Quaglino** – Ph. D. em História pela University of California – Los Angeles (UCLA). Coordenadora do Grupo de Estudos Memória Identidade e Espaço. Historiadora da Fundação Dom João VI.